

UMA ESCOLA PARA PSICANALISTAS

Anselma Caldas Santos

E então, que quereis?

[...]

O mar da história

É agitado.

As ameaças

E as guerras

Havemos de atravessá-las.

Rompê-las ao meio,

Cortando-as

Como uma quilha corta as ondas.

(Vladimir Maiakóvski. 1927)

Tradução de E. Carrera Guerra. 1987.)

Quando Lacan apresentou a Proposição de 9 de Outubro de 1967, parecia empenhado em criar uma instituição que tivesse o estatuto da psicanálise, ou seja, que pusesse em jogo a realidade do desejo, e que, por outro lado, se diferenciasse da psicologia e das sociedades de psicanalistas até então existentes.

Ele introduz o assunto dizendo que trata de fundar em um estatuto, duradouro o bastante para ser submetido à experiência, as garantias com que sua Escola poderia autorizar a formação de psicanalistas e responder a partir daí.

Nesse documento, que se tornou canônico, podemos ler que a Escola “pode constituir-se num ambiente de experiência e crítica, estabelecer e sustentar as melhores condições de garantias. Pode fazê-lo e, por isso, deve, já que não é a Escola unicamente no sentido de que distribui um ensino, também de que instaura entre seus membros uma comunidade de experiência, cujo miolo está dado pela experiência dos praticantes.” (tradução minha).

Ele detalha aí quais são essas garantias e melhores condições e explicita que deveriam ser coletivas, expressão utilizada e enfatizada mais adiante, por exemplo (p. 25 da Proposição]:

“Pretendo designar unicamente na psicanálise em intensão a iniciativa possível de um novo modo de acesso do psicanalista a uma garantia coletiva”. (tradução minha)

Conforme E. Roudinesco, 1993 (p. 320 e 321), os textos fundadores da Escola Freudiana de Paris (EFP) foram redigidos entre junho e setembro de 1964 e “eram também atravessados por uma vontade de tomar uma direção oposta ao sistema ipeísta. Na verdade, Lacan abria o caminho a uma nova maneira de internacionalização do freudismo. Chamava *escola* o que o legitimismo chamava *associação*, e qualificava de

freudiana o que, habitualmente, tinha a denominação de *psicanálise*. Ele *fundava*, no sentido forte da palavra, uma república do espírito em que devia ser posto a funcionar um grande laboratório do pensamento criativo”.

Desde o texto “Eu fundo”, três anos anterior à Proposição, Lacan já se debruçava sobre o fato de livrar a psicanálise do traço religioso que perigava adquirir - a experiência analítica não podia ser algo inefável, e ele tratava de lhe dar estatuto de ciência, estabelecendo os princípios que norteiam a sua prática.

E, finalmente, tratou também de diferenciá-la do exército, propondo uma hierarquia horizontalizada.

Disse Lacan, ainda na Proposição, no momento de definir as formas de entrada e permanência: “Nossa pobre Escola pode ser o começo de uma renovação da experiência.” (p. 28)

Mas isso que anelava o pobre Lacan para a sua pobre Escola fracassou, ele mesmo tratou de sabotá-la, segundo a história narrada pelos que lhe foram contemporâneos, e consta também da biografia já citada.

A Escola por ele *fundada* com o intuito de renovação da experiência também sucumbiu aos estragos do Imaginário, porém se a sua Proposição chegou até nós e sobre ela podemos refletir, alterar, afirmar, confirmar etc., podemos supor o seu êxito. De imediato, já se nos apresenta a pergunta: do que se constitui o fracasso ou o êxito de uma instituição psicanalítica?

Podemos e devemos recomeçar o debate.

Começando por perguntar como seria possível escapar da tendência a buscar um mestre, um profeta, um líder religioso, uma mãe amorosa e castradora, um oráculo, alguém que saiba do presente, passado e futuro... um saber encarnado, um grande outro não castrado?

E, dentro desse torvelinho, ainda assim manter e fazer funcionar uma instituição, associação, ou qualquer outra denominação que se queira? Quem pode e como deve assumir as responsabilidades requeridas para tanto, sem sucumbir às ilusões imaginárias de poder, ou ao ímpeto de atirá-las aos ombros alheios - grandes ou pequenos outros?

Somos propensos a fazer grupo. Dois pode fazer massa, já nos ensinou Freud. Mas há a possibilidade, ao menos teórica, de milhares não o fazerem.

Mas se de tudo isso já estamos fartos de saber, também já conhecemos a resposta! Já conhecemos, já sabemos, já experimentamos. Provavelmente muitos de nós já participamos de algumas refundações. É assim mesmo! Assim se resolvem as crises: com trabalho. De fato, apesar dos percalços, os inevitáveis e, sobretudo, os evitáveis, conseguimos sustentar uma instituição psicanalítica, um nome para nos apropriarmos, um lugar para nos autorizarmos.

Nós contamos com a vantagem de poder olhar retroativamente um pouco mais de cem anos de história – sou partidária da ideia de que na história estão os instrumentos, sobretudo aqueles que nos habilitam a compreender as desesperadoras repetições.

Retornemos a Freud:

“Dispensamo-nos sem nenhuma vontade de nos reunirmos outra vez.”

Quem nunca?

Freud escreveu essa frase pungente na História do Movimento Psicanalítico, 1914, (p. 59) e se referia ao Quarto Congresso da Associação Psicanalítica Internacional, realizado em Munique, em 1913, sob a presidência de Jung, o qual, nos informa Freud, conduziu os trabalhos de “maneira desagradável e incorreta”.

Nesse texto, com certa candura, Freud nos conta os seus erros, enganos e desilusões, suas surpresas em encontrar, em meio a pessoas supostamente letradas, cultivadas e envolvidas em um objetivo comum, os mesmos fenômenos que ocorriam em sua clínica de neuróticos. Essas pessoas, tanto umas quanto as outras, movidas pela resistência, segundo ele, não hesitavam em “atirar às urtigas” todo resultado conseguido até então para voltar à defensiva.

Confessa não ter conseguido promover relações amistosas entre os seus habituais frequentadores e tampouco evitar a competição e rivalidades naquele grupo que ele viu nascer, crescer e se modificar, a partir das reuniões das quartas-feiras, em sua própria casa.

Ele se desculpa: “O que tinha em mente era organizar o movimento psicanalítico, transferir o seu centro para Zurique e dotá-lo de um chefe que cuidasse de seu futuro. Como esse esquema encontrou muita oposição dentre os partidários da psicanálise, apresentarei em detalhes os motivos que me levaram a formulá-lo. Espero que esses motivos me justifiquem, muito embora reconheça que o que fiz não foi, na verdade, muito prudente”. (Ibid., p. 55)

Ou seja, não foi possível evitar os efeitos de grupo, assunto que ele só iria tratar mais adiante, em 1921, no livro Psicologia de Grupo e a Análise do Ego – ou Psicologia das Massas, conforme se escolha traduzir.

Em todo caso, não podemos dizer que Freud fracassou em seu intento de cuidar do futuro da psicanálise.

Tampouco esse futuro hoje está assegurado! Agora cabe a nós, a cada um e ao conjunto de psicanalistas. A aposta tem que ser periodicamente relançada!

Transcrevo aqui o espirituoso trecho que ele nos apresenta ao modo de anedota:

“Pelo menos uma dúzia de vezes durante os últimos anos li em relatórios de congressos e de órgãos científicos, ou em resenhas críticas de certas publicações, que agora a psicanálise está morta, derrotada e eliminada de uma vez por todas. A melhor resposta a isso seria nos termos do telegrama de Mark Twain ao jornalista que publicou a notícia falsa de sua morte: “Informação sobre minha morte muito exagerada”. Depois de cada um desses obituários a psicanálise ganhava novos adeptos e colaboradores ou adquiria novos canais de publicidade.” (Ibid. p. 47)

Freud conclui o texto com sua peculiar elegância e bom humor desejando um caminho de elevação muito agradável aos detratores da psicanálise e que nós, os que ficamos, possamos desenvolver nossos trabalhos, por mais desagradáveis que sejam, sem muitos atropelos. (Ibid., p. 82)

Mas voltemos ao presente. Claro está que há algo peculiar na prática da psicanálise que convoca o analista a falar dela. E se os analistas falam e se na psicanálise não se trata de outra coisa senão de fala, só nos resta saber onde e com quem falar. Então, a Escola é necessária enquanto lugar onde se possa inscrever o mais singular e ao mesmo tempo comum: a experiência.

A entrada na Escola pressupõe transferência com a mesma e a permanência pressupõe uma disposição para contornar obstáculos e isso se faz com trabalho. Em ambos os casos, tanto a entrada quanto a permanência terão a marca singular de cada um – essa era a aposta de Lacan. E segue sendo a nossa.

É nessa aposta que se dá a oscilação entre um Grande Outro com ou sem barra; esse equilíbrio é naturalmente frágil, é preciso lidar incessantemente com o narcisismo nosso de cada dia e, dentro dos princípios e diretrizes, autorizar-se a si mesmo, sem dispensar mais alguns outros – corrigiu-se Lacan a tempo!

Apesar de tantos apesares, uma escola de analistas para analistas é possível porque se destina a sustentar essa prática que se funda no impossível. Não é demais repetir, a Escola deve situar-se na articulação entre intensão e extensão, clínica e transmissão.

Consequentemente, uma Escola de analistas não é um sujeito, nem um Outro, embora esteja repleta deles, atravessada por eles, e tantas e tantas vezes sabotada por eles.

Mas, como Édipo indo ao encontro do seu destino, vamos seguindo no desarme do Imaginário, na promoção do Simbólico e na certeza de que o Real irá nos abordar a qualquer momento, apesar dos nossos bem elaborados Estatutos.

E é para não sucumbir ao delírio ou à imobilidade neurótica, que os analistas precisam se reunir, dar conta de sua prática, pensá-la e reinventá-la produzindo teoria como resto de uma operação.

A Escola Lacaniana da Bahia também tem uma história e uma importante contribuição à transmissão da psicanálise. História que começa no ano de 1983, por efeito e resultado de um grupo de estudos coordenado por Gustavo Etkin, sob o nome de VEL- Grupo Freudiano da Bahia. Posteriormente, em 1994, por um ato de refundação, passou a chamar-se Escola Lacaniana da Bahia.

Aproveito a incidência do tema para registrar minha homenagem a Gustavo Etkin, esse que foi um pioneiro da psicanálise lacaniana na Bahia. Um desbravador a quem não faltou a coragem para enfrentar as resistências – e as transferências que aí vêm acopladas. Na difícil tarefa de equilibrar as funções de psicanalista e dirigente de uma instituição, sempre atento às ilusões pertinentes à investidura do *sujeito suposto saber*, talvez tenha, em alguma medida, subestimado os efeitos das transferências não

analisadas. Mas, ressaltado mais uma vez, um êxito está assegurado: a Escola Lacaniana da Bahia tem nome e lugar.

Concluo com as indispensáveis palavras de Lacan:

“Se falo da letra e do ser, se distingo o outro do Outro, é porque Freud os indica a mim como os termos em que se referenciam os efeitos de resistência e transferência com que tenho tido que me haver, de maneira desigual, nos vinte anos em que venho exercendo esta prática – impossível, todos se comprazem em repetir com ele – da psicanálise. E é também porque preciso ajudar outros a não se perderem nela”. (Escritos. A Instância da Letra. P. 532).

Que não nos dispersemos e que não nos falte a vontade de nos reunirmos outra vez.

Salvador, 15 de setembro de 2022